

## Ludo Transgenia

Este texto não tem a função de explicar a obra de Ilca Barcellos, mas, à maneira da didascália na Roma Antiga, pretende elucidar as circunstâncias que cercam a produção. Inicialmente, convêm afirmar que criar algo é gerá-lo a partir de uma força produtora, que é, ao mesmo tempo, princípio e fonte de vida, e, igualmente, geração. É exatamente nisto que pensamos ao grafarmos a palavra “gênesis”, como origem e desenvolvimento dos seres.

Há três diferentes momentos ou fases na obra de Ilca Barcellos aqui exposta: a primeira fase é, justamente, a criação: surgem seres bizarros, disformes, em uma clara referência tanto à própria natureza quanto a um mundo fantástico e surrealista. E este último termo é bastante pertinente em relação à obra, posto que indica um “sobrenaturalismo”, isto é, algo que vai além da natureza, sem, contudo, ultrapassá-la.

A segunda fase é a maturação dos seres, que, ainda embrionários, começam a se constituir e a tomar forma definitiva; porém, aqui e ali estão presentes as marcas do que ainda é rudimentar e incipiente. O surpreendente é que estes seres embrionários geram outros seres, pequenos seres adultos que transitam livremente sobre o corpo matricial, como se fossem os espinhos ou pontas que, na fase anterior, marcavam a superfície do corpo dos seres. E a diferença já foi escrita: são espinhos móveis, que tanto podem ser compreendidos tanto como simples excrescências quanto como mutações que brotam sem restrições nem controle.

A terceira fase é a da fertilidade; ora, sabe-se que este termo tem a sua origem na palavra latina *fertilitás*, que indica, justamente, “abundância”. São, então, incontáveis os embriões que surgem, que vêm do fundo para a superfície, que brotam. Não por acaso Ceres, deusa romana da fertilidade, estava associada, igualmente, ao amor maternal. São os corpos matriciais que, em um processo de diferenciação, dão origem aos embriões. Não devemos nos esquecer, igualmente, que estamos diante de obras de escultura moldadas em argila, em terra; há, portanto, numerosas associações possíveis nesta fase entre o ato de criar e o ato de brotar, de emergir em uma superfície.

A obra de Ilca Barcellos é um processo que não apaga as marcas da sua trajetória; podemos observar, lado a lado, seres de diferentes épocas. Se é lícito afirmar que a natureza está em constante mutação, não é menos correto afirmar que em um ser definido e acabado isto não é evidente. Cabe, então, à arte e ao artista desvelar, ludicamente, a criação como transgenia.

Adson Cristiano Bozzi Ramatis Lima  
*Professor de Teoria e História da Arte e da Arquitetura  
da Universidade Estadual de Maringá.*